

O jornalismo digital e a construção de memórias: a primeira semana de pandemia da Covid-19, no Piauí¹

Vinícius da Silva COUTINHO²
Graduando
Thamyres Sousa de OLIVEIRA³
Mestre
Universidade Estadual do Piauí, Picos, PI

RESUMO

A presente pesquisa busca entender como o portal Cidade Verde.com atuou na construção de memórias na primeira semana de pandemia da Covid-19, no Piauí. A metodologia foi pautada em pesquisas bibliográficas e documentais e como técnica de análise, utilizamos a análise de conteúdo com abordagem quanti-qualitativa e categorial. Para tanto, a pesquisa inicia com um breve histórico das pandemias pré-existentes e um pouco de como foi a cobertura jornalística e as memórias construídas sobre a Gripe Espanhola, utilizando documentos da Biblioteca Nacional. Posteriormente, refletimos sobre o jornalismo digital e as suas potencialidades acerca da memória e, ao final do estudo, analisamos as notícias encontradas no mapeamento que compõe a cobertura jornalística e a construção de memórias do portal Cidade Verde.com do dia 12 ao dia 19 de março de 2020, no Piauí.

Palavras-Chave: Coronavírus; Lugar de Memória; Gripe Espanhola; Cidade Verde.com.

Introdução

A pandemia da Covid-19 chegou e escancarou o despreparo em relação à saúde pública, principalmente no Brasil, com a escassez de investimentos na área. Além disso, outro ponto muito notório atrelado à pandemia foi e é a atuação jornalística nesse período. Foi por meio do jornalismo, diariamente, que a população pôde acompanhar os relatos da disseminação do coronavírus pelos continentes, fazendo inúmeras vítimas.

O desempenho do jornalismo precisou ser ainda mais intenso e árduo, já que a sua atuação teve até mesmo que atingir outros patamares que não eram, de certo modo, seus. Como por exemplo, os dados diários sobre o coronavírus em todo o país tendo como fonte oficial o Consórcio de Veículos de Imprensa. O Consórcio foi criado, de forma inédita, para a organização e a divulgação do panorama do país em relação à pandemia tendo em vista que

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Digital, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia. Este trabalho é concorrente ao Prêmio José Marques de Melo.

² Graduando em Jornalismo na Universidade Estadual do Piauí (Uespi/Picos); Membro da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme) e Bolsista do PIBIC 2020/2021 (voluntário) com o Projeto de Pesquisa “Memórias do Coronavírus no Piauí: o Portal O Dia e o Cidade Verde.com e suas atuações na Construção de Memórias sobre a Pandemia do Coronavírus, no Piauí”. E-mail: viniuscoutinho@aluno.uespi.br

³ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Professora Efetiva da Universidade Estadual do Piauí (Uespi); Supervisora da Liga Acadêmica Joeme e Orientadora do PIBIC supracitado. E-mail: thamyressousa@pcs.uespi.br

o Ministério da Saúde (órgão que deveria ser o responsável pela situação descrita acima) não vinha desempenhando sua função como deveria.

Diante disso, essa pesquisa se justifica pela preocupação dos autores em entender como o jornalismo atua na construção de memórias sobre os conteúdos que noticia. Neste caso, especialmente, em momentos de crise em saúde mundial. Como piauienses, nós autores, escolhemos um dos principais sites de notícias do estado, a fim de compreender como se deu essa cobertura jornalística no início da pandemia da Covid-19 e apontar as possíveis memórias que foram construídas através das notícias do jornalismo piauiense.

Deste modo, o objetivo geral desta pesquisa é analisar como o portal Cidade Verde.com atuou na construção de memórias na primeira semana de pandemia da Covid-19, no Piauí. Como objetivos específicos pretendemos: apresentar um breve relato de como outras pandemias tiveram suas memórias construídas pelo jornalismo brasileiro; refletir sobre o jornalismo digital como possível potencializador da memória; mapear a quantidade de matérias jornalísticas que o portal Cidade Verde.com divulgou sobre a pandemia do coronavírus, no Piauí, do dia 12 ao dia 19 de março de 2020, identificar que fontes foram utilizadas pelas matérias jornalísticas sobre a covid-19 e, de certo modo, ajudaram a compor o imaginário simbólico coletivo; que recursos o portal se utilizou para construir as notícias e também uma memória da pandemia no estado (fotos, vídeos, textos...) e apontar possíveis questões que foram omitidas ou silenciadas pelo referido veículo jornalístico.

Para tanto, a nossa metodologia foi pautada em pesquisa bibliográfica, quando revisitamos os autores da memória para embasar o estudo, e em pesquisa documental, quando buscamos na hemeroteca da Biblioteca Nacional as notícias que circularam em tempos de pandemia anteriores e também quando mapeamos as notícias da primeira semana de pandemia da Covid-19, no Piauí. Como técnica de análise, utilizamos a análise de conteúdo com abordagem quanti-qualitativa (mapeamento de notícias) e também com abordagem categorial, pois, pela grande quantidade de notícias encontradas na busca, delimitamos algumas categorias para a análise destas notícias, como por exemplo, as fontes e os recursos utilizados pelo portal na construção das matérias e também os possíveis silenciamentos e omissões nas pautas.

Diante disso, a pesquisa inicia com um breve histórico das pandemias pré-existentes e um pouco de como foi a cobertura jornalística e as memórias construídas sobre a Gripe Espanhola, sempre relacionando com a pandemia da Covid-19. Depois, refletimos sobre o jornalismo digital e as suas potencialidades acerca da memória e, ao final do estudo,

analisamos as notícias encontradas no mapeamento que compõe a cobertura jornalística do portal Cidade Verde.com na primeira semana de pandemia do coronavírus, no Piauí.

Memórias de outras pandemias

Com a chegada da pandemia da covid-19, o mundo, marcado pelas separações e diferenças, viu-se homogêneo e cercado por um vírus perigoso, altamente transmissível e que não fez escolhas de morada, pessoas, classes sociais, cor da pele e etc. O coronavírus (SARS-Cov-2) se alastrou rápido e foi fazendo vítimas em torno do globo. Não era a primeira vez que o mundo passava por uma situação dessas, mas como se proteger? O que aprendemos com o passado? Geralmente, quando estamos diante de algo desconhecido, uma das primeiras sensações é o medo. Medo de se contaminar e contrair o vírus; de morrer. Mas o que fazer em uma situação pandêmica? O que temos de relatos dos outros momentos parecidos que já foram vividos? Quais são os elementos que ficaram presentes na memória coletiva sobre outras epidemias e pandemias?

Assim que o vírus começou a se disseminar e fazer vítimas, as orientações foram para que a população usasse máscara, saísse de casa somente quando fosse indispensável e o cuidado deveria ser redobrado em relação aos idosos. Daí buscamos entender como se deu esse processo de medidas em outros momentos em que a saúde mundial esteve em crise e, para isso, fomos pesquisar algumas informações/documentos no site da Biblioteca Nacional (BN), constituindo-se como o primeiro lugar de memória deste estudo. Lugares estes que são, para Nora (1993), salvos de uma memória na qual não mais habitamos, ou seja, evocamos, relembramos e recordamos algo que já se passou, a partir desses lugares de memória.

Em nossas buscas, descobrimos que um pouquinho mais de 100 anos antes da pandemia da covid-19, o mundo era atingido pela Gripe Espanhola. De acordo com a BN, as máscaras cirúrgicas e o álcool em gel ainda não existiam na época e a população tinha que “confiar no poderoso “*Contratosse*”, xarope anunciado em jornais e revistas já ao fim daquele ano” (BIBLIOTECA NACIONAL, 2020)⁴. Desse modo, observamos algumas diferenças entre momentos anteriores e destacamos também que essas informações já nos fazem perceber como esse material produzido e noticiado durante a pandemia foi importante lá, mas também agora para que entendamos como aconteceu.

⁴ Não havia álcool em gel nem máscaras cirúrgicas (Biblioteca Nacional)
<<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/03/1918-nao-havia-alcool-gel-nem-mascaras-cirurgicas>>, acesso em 28/05/2021, às 10:46.

O site Sanar Med⁵ fez um levantamento sobre momentos em que o mundo passou por esses desafios humanitários de saúde. Segundo o site, a Peste de Justiniano, aconteceu por volta de 541 d.C. e se iniciou no Egito. A Peste Bubônica, como é mais conhecida, era transmitida através de pulgas em ratos contaminados. Já em 1343, a peste bubônica foi mais uma vez a causa de uma pandemia que assolou os continentes asiático e europeu, desta vez, denominada de Peste Negra. Centenas de anos depois, em 1580, o mundo começou a ser assombrado pela Gripe, que foi se alastrando pelos continentes. Apenas em 1889 conseguiu-se descrever com detalhes esta doença e uma de suas versões foi documentada como a Gripe Russa. Pouco depois, em 1918, a gripe teve mais uma variação e assombrou o mundo. Desta vez, sendo catalogada como Gripe Espanhola (tendo outros surtos em 1957 e 1968). Mais uma variação severa da gripe durante a história foi a denominada Gripe Suína, que teve seus ápices de contaminação nos anos 1970 e ressurgiu bem mais recentemente em 2009, percorrendo os continentes e fazendo vítimas fatais.

Depois deste breve histórico de alguns momentos de crise em saúde vividos pelo mundo, questionamo-nos sobre quais as diferenças na forma de lidar com cada pandemia, o que mudou de uma para outra em relação aos cuidados e a prevenção e também como essas informações foram repassadas para as gerações seguintes até chegarmos em 2020 e sermos atingidos mais uma vez, sendo, nessa ocasião, pela covid-19. Acreditamos que, dessa vez, com mais conhecimento (tecnológico/científico) sobre como lidar com essa situação pandêmica.

Logo no início da pandemia da covid-19, os órgãos responsáveis pela saúde orientaram a população sobre quais medidas deveriam ser tomadas. Essas medidas vão ao encontro das atuações do médico Oswaldo Cruz e os demais profissionais da Fiocruz, no enfrentamento de outras epidemias. Ao utilizar de métodos como isolamento dos doentes, notificação dos casos, desinfecção de áreas de foco, campanhas de saneamento, a incidência da peste bubônica, por exemplo, diminuiu. (BIBLIOTECA NACIONAL, 2020)⁶

Essas medidas e comportamentos adotados na época refletem sobre a atuação recente para combater o coronavírus. Alguns cuidados são os mesmos adotados anteriormente, mas não é só isso que se repete. Revisitando a memória sobre o período da Gripe Espanhola (GE), observamos que a insuficiência do sistema de saúde brasileiro não é de hoje como vimos em

⁵ Outras pandemias (Sanar Med) <<https://www.sanarmed.com/pandemias-na-historia-comparando-com-a-covid-19>>, acesso em 28/05/2021, às 11:04.

⁶ Métodos utilizados anteriormente (Biblioteca Nacional) <<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/120-anos-fiocruz-combate-epidemias>>, acesso em 28/05/2021, às 16:19.

todos os cantos do país os hospitais superlotados e muitas pessoas morrendo à espera de um leito, na pandemia da covid-19. O trecho da Biblioteca Nacional (2020), “superlotada, sem leitos suficientes, sem remédios, sem alimentação e desprovida de condições de higiene, foi alvo de diversas denúncias na imprensa, sendo chamada até mesmo pela alcunha de Casa do Diabo”⁷ descreve a situação dos hospitais na época da GE e como a imprensa tratava a Santa Casa da Misericórdia (RJ).

Mais de 100 anos se passaram e o que parece é que os elementos que ficaram presos à memória coletiva sobre a GE não foram suficientes para que se investisse o necessário na saúde. A pandemia da Covid-19 chegou, protagonizou e vem protagonizando momentos muito semelhantes aos descritos acima. Por muitos dias, meses e mais de um ano, o que se vê nos destaques do noticiário são os hospitais atingindo suas capacidades máximas; sem leitos clínicos disponíveis, além de faltar medicamentos e oxigênio⁸. Percebemos que o jornalismo, hoje, como foi também na gripe espanhola, continua sendo, embora não seja sua principal função, um lugar de memórias desta pandemia, pois, conforme Rêgo (2012), o jornalismo possibilita que visitemos acontecimentos vivenciados por uma coletividade e é um lugar que noticia fatos já ocorridos com marcas temporais do presente.

Com o intuito de aprofundarmos ainda mais o nosso estudo sobre momentos de crise em saúde anteriores e a cobertura jornalística, debruçamo-nos sobre jornais da época da GE, a fim de entender como se deu a produção noticiosa e a construção de memórias nesse contexto. Para isso, localizamos e analisamos edições do jornal ‘Correio Paulistano’, que circulava em 1918, mais precisamente de 22 setembro a 22 de outubro daquele ano. Encontrar vestígios de memória da pandemia da GE foi possível devido ao acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, como já citado anteriormente, um lugar de memória.

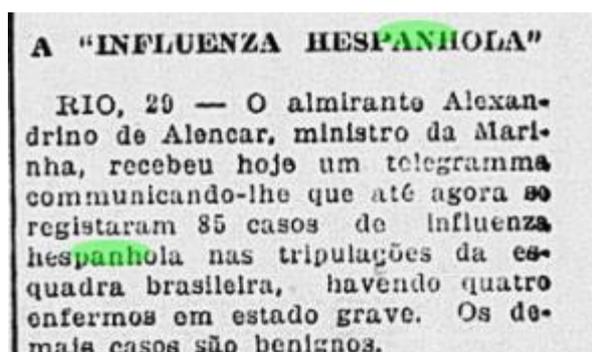
Nora (1993, p. 12) afirma que “lugares de memória são, antes de tudo, restos” e explica que esses lugares funcionam como uma espécie de depósito dos vestígios do que já foi memória um dia. Já sobre o jornalismo como lugar de memória, Palacios (2010) acredita que o jornalismo que foi escrito anteriormente é uma fonte, uma espécie de arquivo do passado, como também uma possibilidade de adquirir conhecimentos através do que está registrado sobre outros tempos. Desse modo, conheceremos agora um pouquinho do que foi noticiado no período da Gripe Espanhola.

⁷ Situação dos hospitais na GE (Biblioteca Nacional) <<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/gripe-espanhola-cha-meia-noite-casa-diabo>>, acesso em 28/05/2021, às 16:54.

⁸ Matéria do portal G1.com descreve essa situação: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/20/mortes-na-fila-por-um-leito-de-uti-falta-de-insumos-e-funerarias-sem-ferias-os-sinais-do-colapso-na-saude-brasileira.ghtml>>, acesso em 02/06/2021, às 11:18.

No dia 30 de setembro de 1918, o Jornal Correio Paulistano noticiava os casos da doença nas tripulações brasileiras da guerra⁹. Podemos perceber que, na época, o jornalismo abordava dividindo os casos em “graves” e “benignos”. Isso também foi observado nos demais jornais em estudo. Agora, na pandemia da covid-19, as distinções são: pacientes sintomáticos (leves, moderados ou graves) e assintomáticos (não tem sintomas, mas transmite a doença).

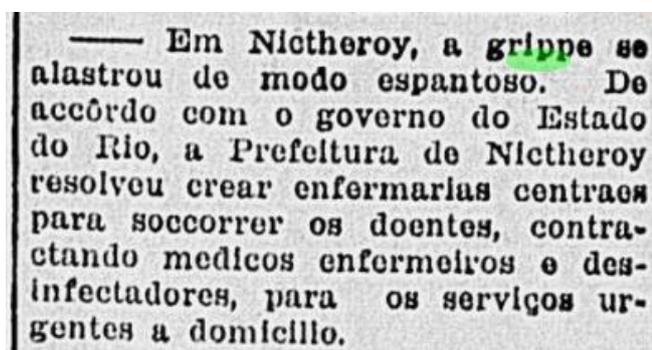
Fig. 01 - Gripe Espanhola em Brasileiros (Segunda-feira, 30 de setembro de 1918)



Fonte: Biblioteca Nacional

Pouco antes, nos dias 23 e 24 de setembro de 1918, o Correio Paulistano já havia alertado e noticiado sobre casos da "Influenza Hespânica" nas tripulações brasileiras. No período analisado, observamos que o Correio Paulistano também divulgou as medidas de prevenção e profilaxia que estavam sendo tomadas em todo o país, os primeiros casos de morte nas tripulações, entrevistas com médicos, mortes de profissionais da saúde que estavam cuidando dos doentes, homenagens aos mortos, medidas restritivas como o fechamento de escolas e museus e o monitoramento nas fronteiras do país. Em Niterói-RJ, novas enfermarias tiveram que ser criadas para conseguir suportar a quantidade de doentes.

Fig. 02 - Novas enfermarias em Niterói-RJ (Sexta-feira, 18 de outubro de 1918)



Fonte: Biblioteca Nacional

⁹ A Gripe Espanhola teve seu ápice no contexto da Primeira Guerra Mundial.

Esse trabalho de busca pelas notícias antigas para entender como se deu a cobertura noticiosa do período da GE, como também entender como aconteceu a própria GE, torna-se uma metalinguagem do pensamento de Rêgo (2014) que, como já mencionamos, entende o jornalismo como lugar de memória. Guiados por esta maneira de ver o jornalismo recorreremos ao site da BN, um lugar de memória no ciberespaço, para entender o contexto em que se deu a gripe espanhola e, também, embasados em nossas memórias individuais e coletivas, voltamo-nos a publicações que falam da pandemia do coronavírus atualmente.

Este percurso pela memória de outras pandemias, de modo mais específico, a gripe espanhola, nos é interessante para que possamos compreender melhor o contexto. Tendo em vista que nosso observável de pesquisa (Cidade Verde.com) está no ciberespaço, buscamos também entender como o jornalismo digital tem sido um meio de construção de memórias.

O jornalismo digital e a construção de memórias

Embora saibamos que os caminhos para a democratização da comunicação ainda são longos e que o acesso à internet não acontece de maneira igualitária no país, um estudo realizado pela *Luminante*¹⁰ aponta que 65% dos leitores de veículos jornalísticos digitais aumentaram o consumo de notícias. Se houve aumento no consumo de notícias, consideramos que o jornalismo digital também possui sua parcela de responsabilidade nas memórias que estão sendo construídas.

Em seu formato digital, o jornalismo se caracteriza, principalmente, pelo imediatismo e pela sua pluralidade. São diversas opções que o meio oferece e os veículos jornalísticos estão cada vez mais se adequando e utilizando-as. Os recursos disponíveis na internet possibilitam que as notícias sejam cada vez mais produzidas de forma diversificada e com mais dinamismo. Utilização de vídeos, galerias de fotos, gráficos, infográficos, tabelas, áudios, links... e assim consegue-se congrega em um único meio os demais formatos jornalísticos.

Ferrari (2010, p. 79) já apontava que “o internauta é bombardeado 24 horas por dia e sete dias por semana com informação e dados”. Mais de uma década depois, vemos que isso se intensificou e já é algo até naturalizado no cotidiano, que teve que se adequar ao ritmo acelerado e à exposição ao excesso de notícias. Assim, Barbosa (2013, p. 43) complementa essa discussão explicando que “os dispositivos móveis estão reconfigurando a produção, a

¹⁰ Consumo de notícias digitais no Brasil aumenta na pandemia
<<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/09/25/consumo-de-noticias-digitais-no-brasil-aumenta-na-pandemia.html>>, acesso em 02/06/2021, às 22:43.

publicação, a distribuição, a circulação, a recirculação, o consumo e a recepção de conteúdos jornalísticos em multiplataformas”.

O jornalismo já tem um certo papel em relação à memória desde o momento em que noticia algo, haja vista que as pessoas que consomem aquela notícia constroem uma determinada memória coletiva sobre o acontecimento. Isso se intensifica ainda mais quando observamos um jornalismo digital que não se limita a páginas ou tempo, podendo ser feito a qualquer, a toda hora, de qualquer lugar (com internet), quase que em tempo real (ou até mesmo sendo). Por isso, a produção jornalística é mais intensa e, conseqüentemente, a construção de memórias também.

Ao analisar ferramentas de qualidade nos cibermeios, Palacios e Ribas (2011) também se voltam para a memória e a entendem como uma possibilidade de recuperação da informação que outrora foi produzida. Se os sites devem possuir a memória como uma ferramenta de qualidade, entendemos que os mecanismos de busca ali dispostos são também mecanismos que podem colaborar ou não (em casos em que não funcionam adequadamente) para que o usuário possa buscar informações já publicadas. Nos utilizando do conceito de lugares de memória empregado por Nora (1993), compreendemos que as ferramentas de busca, quando pensadas na esfera do jornalismo digital, contribuem para fortalecer o jornalismo como um lugar de uma certa memória, pois é também através delas que temos acesso a memórias que estão sendo construídas pelo jornalismo digital (a matéria publicada no ano passado, a fala do ministro da saúde no começo da pandemia, a fala dele hoje). Ainda de acordo com Palacios e Ribas (2011), ao permitir a busca por palavras-chave, localização de matérias por períodos cronológicos, busca por editoriais e formatos (foto, vídeo, infográfico), uso de *tags* para busca e outros, o site jornalístico está fortalecendo sua capacidade de operacionalizar a memória.

Consideramos estas características importantes não só para quem consome conteúdo do jornalismo digital, mas também para quem o tem como observável de pesquisa, nosso caso. Sabemos que a internet é um espaço potencializador para a produção de memórias e diante dessa quantidade de notícias que são produzidas a todo momento surgem alguns questionamentos. Como armazenar todo esse conteúdo? Os sites/portais estão preparados para quando um internauta quiser buscar alguma notícia algum tempo depois dela ter sido publicada a encontre sem problemas?

Esses questionamentos surgiram durante essa pesquisa quando, ao realizarmos o mapeamento de notícias do período de início da pandemia da Covid-19 no Piauí, o nosso

objeto de estudo (portal Cidade Verde.com), apresentou falhas em sua ferramenta de busca pelas notícias anteriormente postadas. E, assim, tivemos que reduzir o período de análise, pois em determinado momento do mapeamento o site não tinha o suporte necessário para mostrar as notícias e simplesmente saía do ar (aparecendo a mensagem “error 404”).

Com base nessa nossa experiência, podemos notar que atrelado ao jornalismo digital podemos ter também uma memória, de certo modo, frágil já que essas notícias podem se “perder” com o tempo e ficarem inacessíveis, dependendo do sistema de armazenamento adotado em cada veículo. Dessa forma, os vestígios de memórias presentes na produção noticiosa podem se perder (como foi o caso de parte do nosso material de pesquisa), sendo levados ao esquecimento mesmo com as condições oferecidas pelo jornalismo digital. Entender como o jornalismo digital tem construído memórias em meio à pandemia do coronavírus é estimular uma reflexão sobre a responsabilidade social do jornalismo.

Primeira semana de pandemia da covid-19: memórias do Cidade Verde.com, no Piauí

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou como uma pandemia a situação do mundo em relação à Covid-19. A doença se espalhava ao mesmo tempo em vários continentes e, por isso, essa nomenclatura. Com base nisso, delimitamos como nosso período de análise de notícias, a primeira semana após essa decisão da OMS, que foi do dia 12 ao dia 19 de março de 2020. Com o intuito de entender quais memórias foram construídas a partir dos conteúdos noticiados, utilizamos a ferramenta de busca dentro do portal e como palavras-chave a serem colocadas no mecanismo de busca: *Coronavírus*, *Covid-19* e *Pandemia*.

Com o mapeamento, foram encontradas 270 notícias no Cidade Verde.com. Com esse número muito grande de notícias em apenas uma semana sobre um tema específico, nota-se na prática como Ferrari (2010) estava certa ao destacar sobre o bombardeio e o excesso de notícias em rede pelo jornalismo digital. Considerando este universo de notícias muito grande, resolvemos “minerar” nossa proposta e utilizamos a amostragem por conveniência para selecionar o recorte de notícias. Segundo Gil (2008), este tipo de amostragem é bastante utilizado em estudos exploratórios ou qualitativos nos quais o pesquisador seleciona os elementos que têm acesso admitindo que eles podem compor um universo.

Deste modo, decidimos formar um corpus para análise e escolhemos por conveniência três ou mais notícias por dia do CV, formando assim um corpus com cerca de 40 notícias a serem analisadas. Nossa escolha é tida como por conveniência, pois entre essas matérias

procuramos escolher matérias que tinham uma relação de proximidade com o Piauí, ou seja, que tratavam sobre a pandemia no espectro local. A seguir compreenderemos como se deu a construção de memórias a partir dessas produções noticiosas, levando em consideração os temas específicos abordados, as fontes e os recursos utilizados, como também, as possíveis questões omitidas ou silenciadas.

No dia 12 de março de 2020, o CV publicou uma notícia abordando o que poderia e o que não poderia ser feito durante o isolamento. A matéria utilizou como fontes principais alguns especialistas (infectologistas), que falaram sobre como deveria acontecer o isolamento e também sobre como utilizar a máscara corretamente. Além disso, trataram sobre algumas regras/cuidados em relação às roupas e aos talheres utilizados pelas pessoas contaminadas. Naquele momento, segundo os entrevistados, ainda não haviam restrições alimentares por conta da Covid-19.

A segunda notícia do CV desse dia tratou sobre a lei que foi sancionada com medidas de quarentena para enfrentar o coronavírus em Teresina-PI. O portal lembrou que o caso de emergência em saúde pública já era classificado pela OMS como uma pandemia. Citou também que a Fundação Municipal de Saúde (FMS) da capital alertava sobre a necessidade da adoção de medidas para conter a disseminação. A lei, citada acima, foi sancionada pelo então prefeito de Teresina, Firmino Filho (em memória) e os demais senhores da memória¹¹ dessa notícia foram a Diretora de Vigilância em Saúde da FMS, Amariles Borba, que explicou sobre o fluxo de atendimentos a ser seguido nos estabelecimentos de saúde, e também o médico infectologista da FMS, Kelsen Eulálio, que falou sobre os sinais e sintomas da doença.

Já no dia 13 de março, o CV alertou sobre quando seria necessário que a pessoa procurasse uma unidade de saúde. A notícia foi produzida com base em uma entrevista com a médica epidemiologista, Amariles Borba, que reforçou as orientações sobre os cuidados necessários para se proteger do coronavírus e frisou que todas as pessoas são suscetíveis à doença. A notícia foi composta de textos e alguns trechos em vídeo, da entrevista concedida pela médica à TV Cidade Verde. Amariles falou também sobre sintomas gripais, tratamento e medicação e, ainda, alertou sobre a circulação de *fake news*.

Na segunda notícia, o CV noticiou o cancelamento da turnê do piauiense Whinderssom Nunes nos EUA por risco do coronavírus. O humorista alertou seus seguidores

¹¹ Como explica Le Goff (1986), ser senhor da memória é ser detentor do poder de fixar o presente para um futuro próximo ou distante.

para que lavassem as mãos com água e sabão e ficassem atentos aos sintomas gripais. A matéria foi construída em cima da nota divulgada pela assessoria do *Youtuber* e também pelas suas postagens no *Twitter*. Outra matéria deste dia trouxe o relato de piauienses que moram nos EUA e na Dinamarca sobre as dificuldades enfrentadas por lá, em relação ao coronavírus. Os entrevistados relataram que as aulas já haviam sido suspensas e que produtos já estavam sumindo das prateleiras. Reforçaram também que as aglomerações estavam proibidas e as viagens deveriam ser evitadas.

O portal abordou ainda sobre os cuidados necessários com o celular e outras máquinas do dia a dia que podem propagar o coronavírus e tratou também sobre os alimentos que ajudam a fortalecer o sistema imunológico. A data serviu para noticiar que, após uma reunião de urgência, o Governo do Piauí e a SESAPI fizeram um apelo à população para que as aglomerações fossem evitadas em todo o estado. Percebemos que o portal em seus primeiros dias de declaração de pandemia contribuiu para a construção de uma memória que se voltava não só para questões locais, mas também para como piauienses espalhados pelo mundo percebiam a pandemia. Peritos da saúde¹² foram convocados para explicar o momento e fortalecer as leis que estavam sendo sancionadas pelo executivo. A partir daí cristalizou-se na memória do público a imagem de um Estado que já se preparava para o enfrentamento à pandemia.

No dia 14 de março, o CV tratou sobre os protocolos adotados pela FMS/Teresina e a orientação de reduzir as visitas aos hospitais. O diretor de Atenção Básica falou sobre a ampliação dos locais de exames direcionados a casos suspeitos de Covid-19. A matéria foi construída com caráter pedagógico e trouxe dicas para prevenir o contágio, além de explicar o que é em si o coronavírus e o que ele pode causar, com base em dados da OMS. Percebemos que esta estratégia de trazer um lado mais pedagógico no jornalismo foi também utilizada durante a gripe espanhola. Em um momento em que o contato social deveria ser pouco ou quase inexistente, recorremos ao jornalismo, que para nós é também um lugar de memória, para nos informarmos sobre a pandemia.

Outro tema abordado nesse dia foi a suspensão de eventos no Piauí por causa do coronavírus. A 2ª edição de uma corrida de rua foi adiada. O portal utilizou, dentro da notícia, o comunicado publicado no *Instagram* da Rede Feminina de Combate ao Câncer (organizadora do evento). Em outra notícia, o CV tratou sobre a forma de dialogar com as

¹² Termo utilizado por Dominique Maingueneau em web palestra intitulada “análise do discurso e a crise do coronavírus”, no dia 03/06/2020, na programação da Associação Brasileira de Linguística - ABRALIN. <https://aovivo.abralin.org/lives/dominique-maingueneau/>

crianças sobre o coronavírus e que esse diálogo não deveria ter pânico. A fonte foi um pesquisador em medicina comportamental. Segundo Barbosa (2004), quando o jornalismo transpõe fatos para a categoria de acontecimento, privilegia determinadas informações em detrimento de outras. Ouvir a ciência em tempos de crise em saúde é priorizar os conhecimentos comprovados e ajudar a população a combater o vírus.

Além disso, o portal trouxe também notícias alertando que, segundo diversos especialistas, o país deveria parar para combater o coronavírus. Tratou também sobre o novo boletim epidemiológico do Piauí e o reforço no cumprimento das medidas de prevenção à doença, feito pela SESAPI. Destacamos ainda que o CV abordou sobre a ‘pandemia de *fake news*’, utilizando como fonte o toxicologista, Anthony Wong, que, em vídeo, alertou sobre a quantidade de notícias falsas produzidas sobre a doença, causando pânico à sociedade. Deste modo, entendemos que o portal lançou mão da multimídia existente no ciberespaço para variar a maneira como a informação era passada. Além de ler as notícias, o público também teve a possibilidade de guardar em sua memória rostos de pessoas que desenvolvem estudos na área ou fazem parte de órgãos do estado que estão no enfrentamento à pandemia.

No dia 15 de março, o CV trouxe o porta-voz do coronavírus no Piauí, o infectologista e diretor do Instituto de Doenças Tropicais Natan Portela, José Noronha, que negou que um artista do estado estivesse com a doença. Naquele momento, o Piauí ainda não tinha casos confirmados. A matéria trouxe ainda uma nota divulgada pela FMS desmentindo o boato. Naquele dia, o portal noticiou também que a empresa aérea American Airlines havia suspenso todos os voos para o Brasil. Além de noticiar os protestos dos atletas que fizeram com que a Confederação Brasileira de Futebol suspendesse as competições nacionais. Um treinador e um vice-presidente de clubes foram fontes e pediram a priorização da vida.

No dia 16 de março, o portal noticiou que o Governador do Piauí, Wellington Dias, havia determinado a suspensão das aulas e proibido eventos por 15 dias. A notícia foi embasada no decreto estadual de emergência e também contou com o Secretário Estadual de Educação, Ellen Gera, que explicou que as medidas adotadas eram para evitar contaminações. Ademais, o CV noticiou que a suspensão de aulas também foi uma medida adotada pela Prefeitura de Teresina, indo de acordo com as medidas tomadas pelo Governo Estadual.

Nestas matérias, observamos o fato de o público em geral não aparecer nas notícias, sendo invisibilizado. Na internet, a audiência é tão ativa, mas, muitas vezes, ela acaba sendo esquecida e ignorada. Os espaços dados para pessoas da comunidade foram apenas para quem estava fora do país. De certo modo, as pessoas que estavam no Piauí não foram ouvidas,

sendo levadas ao esquecimento. Portanto, é como se o portal escrevesse para o povo, mas sem o povo. Com esta abordagem, microhistórias podem ter sido silenciadas.

Outra pauta abordada neste dia foi um aplicativo do SUS que faz ‘triagem virtual’ do coronavírus, o CV especificou as funcionalidades e apresentou os links para baixá-lo no celular. Noticiou ainda que a FMS alertou para a circulação de *fake news* e afirmou que Teresina não tinha casos positivos da doença. A notícia foi construída por meio de uma nota divulgada pela FMS e mostrou um documento (falso) que estava circulando nas redes sociais. Se a memória para Pollak (1989) resulta de enquadramentos consideramos que, pela ótica do portal CV, as informações repassadas pelas esferas públicas municipal, estadual e federal sempre foram privilegiadas. Ainda nos voltando para o estudo da memória a compreendemos como uma construção social resultante de lutas e negociações entre os grupos que estão envolvidos. Entendendo o jornalismo como um lugar de memória e os jornalistas como senhores da memória, como já afirmava Barbosa (2004), percebemos que é uma prática recorrente o privilégio dado a fontes oficiais e oficiosas¹³.

Até então as notícias eram dirigidas para a sociedade piauiense de modo geral. Contudo, constatamos, posteriormente, uma abordagem voltada para como segmentos sociais estavam se organizando em torno da pandemia. Foram abordados temas como a nova forma de cumprimentar entre os jogadores de futebol, utilizando os cotovelos e não as mãos. Outra pauta foi sobre as recomendações da Arquidiocese de Teresina para evitar o coronavírus durante as celebrações. As missas já estavam sendo transmitidas pela internet para evitar a participação presencial dos fiéis. Por fim, destacamos que também nesse dia o Reitor da Universidade Federal do Piauí anunciou a suspensão das aulas na instituição de ensino.

Já no dia 17 de março, o CV noticiou que a Coordenação de Epidemiologia do Estado havia recomendado que as pessoas que viessem de locais com casos confirmados ficassem em casa. A fonte foi, de novo, a médica Amariles Borba, que explicou sobre o recolhimento domiciliar. O CV trouxe ainda uma entrevista com o infectologista Eduardo Mendes, que explicou porque não era exagero ficar em casa na pandemia. A matéria foi construída com trechos da entrevista em vídeo. Adiante, o CV apresentou uma tabela com informações diferenciando os sintomas de Covid-19, Gripe e Alergia.

Ainda no dia 17 de março, a cidade de Oeiras, primeira capital do Piauí, foi destaque em duas notícias. A primeira, sobre a preparação de um plano de prevenção e enfrentamento

¹³ As fontes oficiais são ligadas a instituições mantidas pelo Estado, empresas, e organizações como sindicatos e associações. São consideradas as mais confiáveis e as informações são tomadas como verdadeiras. As fontes oficiosas têm ligações reconhecida com instituições, organizações ou empresas, e expressam interesses particulares.

ao coronavírus e trouxe uma entrevista com a Secretária Municipal de Saúde. A segunda, sobre uma reunião que aconteceu adiar a tradicional Semana Santa de Oeiras. Em outra notícia do interior do estado, o CV tratou sobre o fechamento do Parque Nacional da Serra da Capivara e dos Museus para “proteger e zelar pela saúde”. A partir deste dia percebemos uma maior preocupação do site em se reportar não só à capital, mas também aos outros municípios. Ocorre uma mudança de enquadramento e, conseqüentemente, das memórias construídas. Por meio disso tínhamos informações sobre como outras regiões do estado se articulavam em torno da pandemia.

No dia 18 de março, o CV trouxe as medidas adotadas pelas prefeituras de Água Branca e Campo Maior para prevenir contaminações pelo coronavírus. Ademais, tratou sobre a redução em 30% da frota de ônibus em Teresina. Por fim, o CV trouxe uma entrevista ping-pong com a diretora-assistente da OMS, que afirmou que os brasileiros estavam minimizando os riscos e essa fala foi colocada no título da notícia.

No último dia de análise, 19 de março, o CV abordou as mudanças na rotina e a suspensão de serviços no Piauí. Em outra notícia, o portal abordou sobre a adoção do *Delivery* e do Teletrabalho como alternativas para a economia. Tratou também sobre a queda nas doações de sangue em 50% por conta da pandemia. Entendemos que, no decorrer da semana, o acontecimento que se constituía na memória da população e no site como um problema de saúde passava a também afetar a educação, economia, esporte e outras áreas. Já não era suficiente para o portal apenas se reportar a cuidados em relação à contaminação e políticas de enfrentamento adotadas pelo Governo, foi necessário estender a discussão para outras áreas afetadas. Por fim, o portal noticiou a confirmação dos três primeiros casos de covid-19 no Piauí, sendo um deles o jornalista da TV Clube, Marcelo Magno.

Considerações

Diante do exposto, consideramos que o jornalismo do portal Cidade Verde.com construiu memórias voltadas para o enfrentamento à pandemia, em consonância com a ciência e os órgãos mundiais de saúde, mas sempre preferindo o enquadramento dado por fontes oficiais e oficiosas. Observamos isso pela escolha das fontes e pela construção das narrativas sobre o panorama da pandemia no estado, em relação à notificação e à detecção de casos.

Notamos ainda que, como citamos nas discussões iniciais, o jornalismo digital tem grande espaço e suporte para sua atuação e por isso a quantidade de notícias encontradas

sobre a temática foi muito grande. Dessa forma, muitas memórias foram construídas a partir dessas narrativas no Piauí, por essa intensidade na produção noticiosa. O portal variou no uso de recursos multimidiáticos e utilizou além de fotos e textos, vídeos, tabelas e outros. Constatamos que o portal também trouxe links e postagens de outras redes e, também, conteúdo em formato audiovisual, reforçando as múltiplas funcionalidades dentro da internet. Apesar de percebermos forte enquadramento dados às fontes oficiais e oficiais, o portal construiu memórias da pandemia com um olhar pedagógico, recorrendo várias vezes à ciência para explicar o momento.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **Jornalistas, "senhores da memória"?**. In: IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5281189434155472217413491799349447635.pdf>, acesso em: 27 mai. 2021.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais**. In: CANAVILHAS, J. (Org). Notícias e Mobilidade. Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis. Covilhã, PT: Livros LabCOM, 2013.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luiz Antero e Augusto São Paulo: Edições 70, 2011

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. Editora Contexto. Nova Edição Revista e Ampliada (4ª ed), São Paulo, SP. 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Método e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5.ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, dez. 1993.

PALACIOS, Marcos. **Convergência e memória: jornalismo, contexto e história**. Matrizes (revista da USP) Ano 4 – No 1 jul./dez. 2010 - São Paulo - Brasil – p. 37-50

PALACIOS, Marcos. RIBAS, Beatriz. Ferramenta para a análise de memória em cibermeios. IN: PALACIOS, Marcos (org) . **Ferramenta para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo**. Volume 1: Modelos. Covilhã: UBI /LabCom, 2011.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

RÊGO, Ana Regina. **A Ditadura Militar no jornalismo: uma abordagem a partir do conceito de lugar de memória**. Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM) - v.3, n.2, jul./2014 - dez./2014

RÊGO, Ana Regina. **Jornalismo e Memória: entre o tempo e a ética**. In: 10º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. Curitiba-PR. Pontifícia: Universidade Católica do Paraná, 2012.